



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**VALÉRIA SOARES MARTINS
LUZINEIDE MIRANDA BORGES**

“NÃO QUER NADA COM A VOZ DO BRASIL?”: uma proposta de formação sobre política e grêmios estudantis no ensino médio



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

ILHÉUS - BAHIA

2024

VALÉRIA SOARES MARTINS
LUZINEIDE MIRANDA BORGES

“NÃO QUER NADA COM A VOZ DO BRASIL?”: uma proposta de formação sobre política e grêmio estudantil no ensino médio

Produto Educacional da pesquisa **“NÃO QUER NADA COM A VOZ DO BRASIL”**: os sentidos da Educação e da Política para a juventude do ensino médio, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luzineide Miranda Borges

ILHÉUS - BAHIA

2024

M386

Martins, Valéria Soares

“Não quer nada com a voz do Brasil?”: uma proposta de formação sobre política e grêmio estudantil no ensino médio / Valéria Soares Martins, Luzineide Miranda Borges. – Ilhéus, BA: UESC, 2024.

25f.: il.; anexos.

Produto Educacional da Pesquisa desenvolvido como parte da dissertação do Programa de Pós-Graduação do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Inclui referências.

1. Juventude. 2. Política pública. 3. Cotidiano escolar. 4. Memória autobiográfica. I. Borges, Luzineide Miranda. II. Título.

CDD 305.235

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	5
1	EDUCAÇÃO POLÍTICA PARA A JUVENTUDE DO ENSINO MÉDIO: Grêmios, Protagonismo e Movimento Estudantil.....	7
2	PROPOSTA DE FORMAÇÃO SOBRE POLÍTICA E GRÊMIO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO.....	11
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
4	REFERÊNCIAS.....	19
	ANEXO A - Lista de links e materiais para consulta.....	23
	ANEXO B - Modelo de projeto para formação.....	24

INTRODUÇÃO

A autora bell hooks (2020), no ensaio “educação democrática” relembra-nos que a democracia precisa ser aprendida, pois as gerações que não vivenciaram períodos anti-democráticos, como os regimes de segregação racial e ditadura militar, por exemplo, costumam acreditar que esta é um direito permanente, sem necessidade de manutenção ou de luta. A autora chama atenção para o papel da educação e dos educadores progressistas para o fortalecimento da democracia, uma vez que esta seria a base de um aprendizado genuíno. Na educação defendida por hooks, não há espaço para o desprezo e para violência em uma escola que se proponha educar para a liberdade, tal qual nos orienta a autora junto à Freire (1983).

Se para Freire (1983), a tarefa da educação para a liberdade é expulsar a sombra da opressão por meio da conscientização e do respeito ao indivíduo-sujeito, para hooks (2020, p. 44) essa tarefa será determinada “pela dimensão da vitória dos valores democráticos sobre o espírito da oligarquia que busca silenciar vozes diversas, proibir a liberdade de expressão e negar a cidadãos o acesso à educação”. Quais valores democráticos estamos compartilhando com a juventude?

Lhe causa estranheza pensar que o silêncio é um lugar comum imposto à juventude em nossas escolas? Frequentemente verbalizamos, enquanto sociedade, que a juventude atual “*não quer nada com a voz do Brasil*”, fortalecendo um discurso imbricado de estereótipos, massificados pela mídia hegemônica, a política institucional e as escolas (Lopes et al, 2018; Dayrell e Carrano, 2014). A juventude tem sido frequentemente encarada como uma fase de transição de “sujeitos destituídos de habilidades e competências, marcados pelo ‘iletramento’, que necessitam ser colonizados, civilizados e educados” (Lopes; et al., 2018, p. 700). Para início de conversa é muito *cringe*¹ persistir na ideia de enxergar a juventude como um lugar de transição. A juventude é, antes de tudo, um campo de disputa política (Carrano, 2011) e embora seja compreensível a necessidade de uma concepção etária a título de políticas públicas, entendemos que a juventude é uma categoria histórica, socialmente produzida, que não deve ser reduzida a uma faixa etária (Dayrell; Carrano, 2014; Arroyo, 2014). Essas vivências são permeadas pela diversidade do caráter subjetivo atribuído ao ser “jovem”.

Essas reflexões foram ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa intitulada “**Não quer nada com a voz do Brasil**”: os sentidos da Educação e da Política para a juventude

¹ Cada geração adota expressões para transmitir seus sentimentos. O termo *cringe*, do inglês, é um verbo que originalmente denota “desgosto, vergonha”. Aportuguesado, a palavra virou sinônimo de “cafona, vergonha alheia” e passou a ser utilizado pelos jovens na internet, para se referirem a símbolos e discursos das gerações anteriores.

do ensino médio, que teve como objetivo compreender os sentidos que a juventude do Colégio Estadual Octacílio Manoel Gomes, localizado no município de Ubaitaba/Ba, dá à Educação e a Política, e como isso se contrapõe ou ratifica a ideia de que a juventude “não quer nada com a voz do Brasil”. Ao nos questionarmos se há relação entre as *vozes diversas e silenciadas* mencionadas por hooks (2020) e a chamada “*voz do Brasil*”, que aparentemente os estudantes não querem se relacionar, *parimos* este fruto que é o produto educacional, exigência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para obtenção do título de Mestre em Educação.

Nossa pesquisa caminhou pelos campos do cotidiano escolar, e enquanto cotidianistas compreendemos que dimensões tão importantes como a Educação e a Política não podem ser compreendidas dentro de um pensamento dicotômico, por isso, em um diálogo com Alves (2015), trazemos os termos escritos juntos: aqui estamos falando de uma *educaçãoopolítica*, que representa uma *prácticapolítica* daqueles e daquelas que escrevem e fazem o cotidiano, os *praticantespensantes*.

Enxergo a estratégia educacional (para sairmos um pouco dessa lógica de mercado) que dialogamos aqui como uma forma de nos inserirmos ainda mais na realidade *prácticapolítica* dos estudantes no cotidiano escolar. Compreendemos que a *educaçãoopolítica* são formas de intervenção no mundo (Freire, 2013) e assumindo o compromisso com a educação como prática da liberdade, propusemos a realização de uma formação sobre política, grêmio estudantil e movimento estudantil para os estudantes do ensino médio. É esta proposta que apresentamos para você neste texto, com orientações que possuem o intuito de estimular novas ações, modificadas pelos contextos diversos que as escolas públicas possuem.

Este é também um convite para estarem abertas aos ensinamentos da juventude. Lembra, quando éramos jovens e achávamos que ninguém nos ouvia? Bom, que agora sejamos escuta ativa para estes que estão chegando depois de nós. Embora saibamos que o caminho para esse deslocamento de sentidos é desafiador, te convido para, junto conosco, compreender que a juventude, frequentemente, colocada na posição de incapacidade de saber o que quer ou não, deseja na verdade ser ouvida (Valore; Guirrado, 2011; Oliveira, 2017; Borges, 2019).

1 - *EDUCAÇÃO*POLÍTICA PARA A JUVENTUDE DO ENSINO MÉDIO: Grêmio, protagonismo e movimento estudantil

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto (1966)

Durante uma das rodas de conversa na disciplina eletiva “a arte de problematizar”, em 2022, dialogamos sobre a relação trabalho e vida fora do ensino médio. Naquele momento ouvíamos o que os estudantes pensavam sobre a temática e muitos afirmavam perceber a crescente pressão que se afunilava à medida que se aproximavam da 3ª série. Ao questionar sobre o que eles gostariam de fazer depois de concluírem, uma das estudantes afirmou que ela precisava escolher entre aquilo que ela gosta e aquilo que será rentável, pois “*sonho não enche barriga, né professora?*” (Milena, estudante da 2ª série, 2022).

As palavras de Milena me recordam que existe uma juventude que não pode escolher o sonho (“*arte não dá dinheiro no Brasil*”, afirma Carolina, outra estudante da turma). Esta é a juventude que encontra nas escolas públicas o caminho para construir um futuro, mas depara-se com a nova BNCC, uma política pública educacional que afeta diretamente a juventude pobre brasileira, que apresenta uma perspectiva de formação e uma lógica discursiva que, embora tente parecer democrática, responde à lógica mercantil (Silva e Scheibe, 2017; Giroto, 2019) e não há lugar para um sonho que não seja vendável na máquina neoliberal de “moer gente”. A lógica é formar cidadão consumidor ou cidadão mão de obra descartável (Santos, 2000).

Estimulado pela nova BNCC, o dito protagonismo que percebemos ser defendido na escola caminha lado a lado com o ideal de empreendedorismo, que fora de uma contextualização política e histórica, cai no limbo do esvaziamento neoliberal, reforçando o silêncio frente a precarização do trabalho e a manutenção das relações de poder e dominação perpetuadas pelo capitalismo. Para Castells (2013), as instituições sociais são construídas por aqueles que detêm o poder hegemônico visando a manutenção desse poder, por meio da propagação dos seus valores e interesses. A escola não pode ser analisada fora desse contexto,

uma vez que por meio do ideal de educação que se faz presente nesta, há o reforço ou não destes valores. Para Foucault (2000), o dito e o não dito são elementos que o autor nomeia de dispositivo, a rede heterogênea que diz respeito às práticas que organizam e constituem o sujeito. A escola, enquanto dispositivo disciplinador, está permeada por práticas discursivas e não-discursivas, que são maneiras políticas de “manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 2014, p. 41). A educação, e a escola, atuam como uma ferramenta na constituição dos sujeitos, ou seja, produz modos de subjetivação (Foucault, 2000).

Uma vez que “torturar corpos é menos eficaz que moldar mentalidades” (Castells, 2013, p. 14), entendemos que a hegemonia silenciadora de subjetividades políticas que vêm sendo colocada em prática nas escolas, molda as mentalidades para que enxerguemos, entre outras coisas, a ação política dos estudantes enquanto baderna. Compreendemos que essa hegemonia silenciadora é o que Foucault (2014) denomina de discurso, que não se reduz a um sistema de dominação, mas representa também “o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 10). É por meio do discurso, o dito hegemônico, que pensamos em uma “forma correta” de ser estudante na escola, uma vez que recai sobre estes o poder disciplinador constituído de regras, técnicas e instrumentos que define e determina aquilo que é considerado verdade, limitando a produção de novas narrativas e conseqüentemente de novas subjetividades, uma vez que desautoriza tudo aquilo que foge dele (Foucault, 2014). A internalização do discurso hegemônico neoliberal, por meio de uma educação bancária (Freire, 1987), segue determinando “o destino de instituições, normas e valores sobre os quais a sociedade é organizada. Poucos sistemas institucionais podem perdurar baseados unicamente na coerção” (Castells, 2013, p. 14).

Retornemos ao pensamento do verso que abre esta conversa, quando João Cabral de Melo Neto nos convida a ouvir o cantar do galo e peço que reflitamos sobre o dito protagonismo de um “líder² da escola” e líderes de sala. Este protagonismo, “autorizado” pelo Estado e pelos docentes, não é enxergado pela ótica da baderna, pois infelizmente eles “*não tecem uma manhã*”. Os relatos de Iran e Luiz, jovens negros que participaram desta pesquisa e finalizaram o ensino médio em 2022, demonstram que o papel de representantes de sala é visto como um fardo.

² Estudante eleito pelos pares para representar a escola frente o Núcleo territorial de Educação - NTE, órgão responsável por fazer a interlocução entre as escolas do Estado nos municípios e a Secretaria de Educação - SEC do Estado da Bahia.

As turmas costumam escolher ou os estudantes que são conhecidos como responsáveis, normalmente aqueles e aquelas que não possuem muitas faltas, que não são reprovados nas *disciplinas* (os componentes curriculares e nem a disciplina foucaultiana) e tem um bom diálogo com os professores, ou os estudantes mais comunicativos, aqueles e aquelas que popularmente na Bahia chamamos de “*gaiato*”³, brincalhões, engraçados (e que comumente são citados nas salas de professores e reuniões por não dar tanta atenção assim às aulas). Os primeiros são amados por todos, os segundos são evitados, pois cobra-se dos líderes de sala que sejam os responsáveis por informar aos colegas sobre as datas de avaliação, atividades que foram solicitadas, que repassem os recados da gestão. Incontáveis foram os momentos em que presenciei estudantes afirmarem que não fizeram ou não lembraram de determinado prazo “*porque o líder não postou no grupo, o líder não falou nada...*”.

O dito protagonismo autorizado e estimulado é aquele que coloca o estudante como um mero cumpridor de tarefas, enxergado como uma “agenda humana”, *disciplinado*. Como diz um verso famoso no carnaval da Bahia, a andorinha precisa do seu bando para trazer o verão, o galo precisa de companheiros para tecer a manhã, assim como o estudante precisa do coletivo para que sua existência política enquanto movimento social seja visibilizada. O dito protagonismo exercido pelos líderes de classe, autorizado pela escola, não mexe nas estruturas de poder hierárquico da instituição, sobretudo quando os estudantes relatam a desautorização por parte da gestão na participação de mobilizações estudantis.

No exercício de controle e modificação dos discursos há condições determinadas que não permite que todos os indivíduos tenham acesso a ordem da “fala”. A isso Foucault (2014) chamou de “rarefação”, uma desautorização daqueles que não são qualificados, não satisfazem certas regras do poder e conseqüentemente não poderão modificar o discurso. As estudantes foram desautorizadas e recordadas que suas ações geram sanções àqueles indivíduos que assumiram a tarefa disciplinadora de os representar.

Mas, onde há poder, há contrapoder, há resistência. Enxergamos o “tomar conta da escola” como o exercício estudantil da “capacidade de os atores sociais desafiar o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses” (Castells, 2013, p. 13). A partir de Foucault (2014) compreendo que além de método de análise do discurso, o princípio de *descontinuidade*, que se contrapõe a rarefação, se transforma também em possibilidades de ação e resistência. Foucault afirma que os discursos não devem ser encarados como uma ordem ilimitada, mas como “práticas

³ Gíria regional muito utilizada na Bahia. Diz sobre a pessoa brincalhona, que gosta de “fazer graça”, mas também sobre um lugar de travessura, uma certa “vadiagem”, malandragem.

descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2014, p. 50).

A tentativa de não ter a vida inteiramente regulada por aqueles e aquelas que não ouvem e não enxergam as subjetividades expostas cotidianamente nos corredores da escola e nas salas de aula, autorizam a descontinuidade do poder hegemônico. Portanto, defendemos e compreendemos o protagonismo estudantil que é por si mesmo um ato educativo, e na coletividade, mobiliza a potência da juventude que pode experienciar um novo modo de vida não agenciado, mas potencialmente transformador, uma vez que possibilita a autonomia e liberdade dos sujeitos (Boutin; Flach, 2021). O protagonismo coletivo, não agenciado pelas figuras de autoridade, e portanto, desautoriza o *status quo*.

Para Freire (2013), a escola só pode ser um dos espaços fundamentais para a constituição da autonomia dos sujeitos, se está possibilitando o exercício de práticas de emancipação individual e coletiva, uma vez que ninguém é sujeito da autonomia de um outro. Reforçamos, junto a Fioreze et. al (2022), o caráter coletivo do protagonismo estudantil por meio dos movimentos de organização dos estudantes, uma vez que a coletividade expressa um ideal de protagonismo que caminha na contramão da “perspectiva posta pelo sistema neoliberal, que supervaloriza a individualidade como forma de alcançar uma vida melhor e concebe o estudante como mero cliente de serviços oferecidos e comprados no mercado” (Fioreze; et. al, 2022, p. 704).

Assim sendo, a concepção de protagonismo defendida aqui está “atravessada pela ideia de participação ativa nos processos, a qual tem potencial para transformar os estudantes em sujeitos de construção de sua realidade” (Fioreze; et. al, 2022, p. 704). Nesse contexto, o grêmio estudantil emerge como uma entidade representativa dos interesses dos estudantes, desempenhando um papel vital na promoção da participação e na defesa dos direitos estudantis e na fomentação de um ambiente educacional mais inclusivo e democrático. Se os estudantes de fato “*tomassem conta da escola*”, estaríamos vendo o exercício político de sujeitos que constroem a escola e não são meros frequentadores, mas a sua razão de ser.

2 - PROPOSTA DE FORMAÇÃO SOBRE POLÍTICA E GRÊMIO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO

Alves (2010) define política como ações de determinados grupos que tem como objetivo modificar uma realidade existente. A autora afirma que nas pesquisas do/no/com os cotidianos não há dicotomia entre a prática e a política, uma vez que ambas estão imbricadas, e por isso não devem ser pensadas de forma fragmentada. O cotidiano é eminentemente político, pois viver é político. Os fatos narrados pelos estudantes da disciplina em 2022, desencadeiam a formação sobre o grêmio e sobre política para os estudantes em 2024.

Uma das tarefas do movimento estudantil era proporcionar espaços de formação política para aqueles e aquelas que constroem o cotidiano escolar, bem como realizar ações de mobilização e reivindicação frente aos desafios impostos aos estudantes em suas subjetividades e continuação dos estudos. O grêmio é um exercício de cidadania, pois possibilita que o estudante seja enxergado como um sujeito ativo na luta pelo fortalecimento de seus direitos de classe. Entretanto, como nos orientou hooks (2020), precisamos recordar que a luta pela democracia precisa ser ensinada, sobretudo por estarmos inseridos num contexto de despolitização das massas, conceito que pressupõe um projeto de esvaziamento do sentido e caráter político do nosso cotidiano, da nossa vida.

Fernandes (2019), afirma que a despolitização perpassa pela alteração dos significados políticos e um não reconhecimento da capacidade do sujeito (ou grupo) ser agente transformador de sua realidade. Esse distanciamento, promovido pela despolitização, mobiliza indivíduos “cujos interesse de classe corresponde ao anticapitalismo a acreditar que devem defender o capitalismo, por conta de bens de consumo ou por conta da mera possibilidade de eventual ascensão social” (Fernandes, 2019, p. 213).

Sendo assim, propomos a formação sobre política e grêmio estudantil como o objetivo de estimular a participação dos jovens no grêmio estudantil, incentivando-os a exercitar o protagonismo estudantil, a fim de ampliar o conhecimento da juventude sobre essas questões e estimular sua consciência crítica. A estrutura da formação poderá ser desenvolvida da seguinte forma:

No primeiro momento os estudantes serão convidados para a formação, onde poderão ouvir e tirar dúvidas sobre a participação política. Sugerimos que esse momento seja previamente articulado com a coordenação pedagógica, para que os estudantes sejam liberados para a formação, compreendendo que este também é conteúdo programático do ensino médio. Definir a data e ter a aceitação dos colegas para a realização da atividade pode parecer difícil,

mas orientamos que o projeto⁴ seja apresentado durante a jornada pedagógica, dessa forma a data pode ser planejada previamente. No caso do Estado da Bahia, como mencionamos anteriormente, a SEC institui um prazo para eleição dos líderes de turma, logo essa data pode ser utilizada para inserir a formação no calendário da escola. Como funciona na instituição que você faz parte, professora? A Secretaria de Educação do seu Estado possui algo similar?

Durante a formação serão apresentados aos estudantes os conceitos de política, grêmio estudantil e movimento estudantil, bem como as entidades representativas dos estudantes em âmbito nacional: a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Também pode ser mencionada a Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG), para demonstrar que todos os estudantes possuem representação política nos contextos educacionais que estão inseridos. No anexo A você poderá encontrar uma lista de *links* e contatos das instituições mencionadas. Sugerimos que entre em contato com a UBES e verifique a possibilidade de um representante da entidade durante a formação, ou o envio de um material de vídeo produzido para os estudantes da escola.

Podemos compreender com Fanon (2015), que politização é o processo pelo qual os indivíduos das massas empobrecidas, em processo de descolonização, passam a ser sujeitos de si, de sua consciência e poder de classe, não mais ingênua e docilizada. Em diálogo com Freire (1987), compreendemos que o processo para uma educação que auxilie na liberdade dos sujeitos, na contramão da lógica bancária, só pode ser concretizada quando o estudante pode se enxergar naquilo que está realizando, ou seja, sem a ação reflexiva não há aprendizado de liberdade.

Professora, esteja ciente que as primeiras perguntas podem não ser dúvidas, mas desabafos sobre o que os estudantes consideram descasos do colégio em relação a eles e elas, questões como a qualidade da merenda escolar e a forma como são tratados por alguns professores em sala de aula, à falta de material de higiene nos banheiros e a estrutura do prédio.

Quando falamos no papel da experiência vivida como catalisador dos processos educacionais, não queremos trazer a percepção reducionista de que a experiência é a única via, ou a mais importante, mas dialogamos e compreendemos com esses autores, que os sentidos se constroem na trajetória de vida dos sujeitos autônomos (Alves, 2002; Sousa; Cabral, 2015; Souza; Meireles, 2018;). O caminho de tornar-se sujeito é um processo contínuo de amadurecimento (Freire, 2013).

⁴ No anexo B você encontrará um modelo de projeto que pode ser utilizado e apresentado à coordenação pedagógica da sua escola.

Compreendo que enxergar a vida e a educação de forma politizada faz parte do processo de tornar-se sujeito, pois nos permite romper com as estruturas de poder hegemônico que a todo custo nos põe imersos num projeto de deseducação política para o exercício da cidadania, ou despolitização, conceito que pressupõe um projeto de esvaziamento do sentido e caráter político do nosso cotidiano, da nossa vida.

Na contramão dessa perspectiva, compreendemos que urge a necessidade de uma educação que pense a liberdade enquanto a finalidade desse processo. A liberdade que tratamos aqui é pensada numa perspectiva coletiva, pois concordamos com Fernandes (2020), quando afirma que esta, “significa justamente a relação entre autonomia e ausência de opressão e exploração” (p. 36).

O processo para alcançar essa liberdade passa pela conscientização das massas, o “tomar posse da realidade” (Freire, 1979, p.33). Não é uma receita de bolo, tampouco um ato mecânico. Conscientizar, assim como politizar, “é quando o conhecimento faz sentido e cria pontes para maior compreensão, para mais acesso e para desafiar as inverdades que mantém as coisas como elas são” (Fernandes, 2020, p. 34), ser o contrapoder (Castells, 2013), assumir a descontinuidade (Foucault, 2014).

O segundo momento da formação consiste numa oficina de produção de fanzines. O fanzine, derivado do termo em inglês “fanatic magazine” e popularmente chamados de zines, foi introduzido no Brasil a partir da cultura punk, e grupos políticos derivados dos movimentos sociais feministas e veganos, por exemplo. Por ser uma publicação de baixo custo, os fanzines se transformaram numa estratégia de divulgação e subversão dos artistas e ativistas que nem sempre encontraram espaço no mercado editorial. O espaço de uma folha de papel A4 é transformado, a partir de dobraduras, em uma poderosa ferramenta de criatividade e exercício artístico para os estudantes. Abaixo trazemos algumas das produções feitas na formação que realizamos.

Figura 1 - Fanzine 01 produzido por estudante



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Com o auxílio de vídeos⁵ da plataforma *Youtube*, você poderá separar os estudantes em grupos, e orientá-los para refletirem sobre os seguintes pontos:

- O que é um grêmio estudantil?
- Qual a importância do grêmio?
- Como formar um grêmio?
- Quais estudantes podem participar do grêmio?

As perguntas são base para que a juventude construa os fanzines que poderão ser reproduzidos (como fotocópias) e distribuídos para a escola, servindo inclusive como uma possível plataforma de campanha para a eleição.

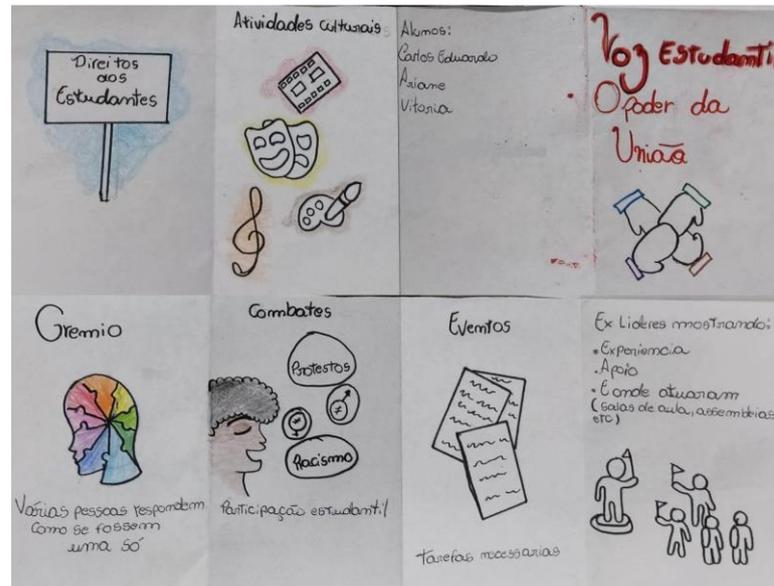
Ressaltamos, que aqui temos algumas orientações e possibilidades. Você poderá definir junto aos estudantes o que se adequa melhor para a realidade em que estão inseridos, podendo explorar outras formas de produção e oficinas, como a criação de vídeos curtos, por exemplo.

Após a produção, sugerimos que se aproveite a reunião dos estudantes e seja proposto a realização de uma assembleia para instituir a comissão eleitoral, grupo que dará início ao processo de inscrição das chapas e eleição do grêmio estudantil. Este também pode vir a ser um terceiro momento da formação. Entretanto, é importante ter em vista que o grêmio é uma entidade autônoma e visa exatamente a construção da autonomia dos estudantes, dessa forma, não cabe aos professores e nem a gestão determinar/regulamentar o funcionamento da entidade, uma vez que a juventude não é uma mera cumpridora de tarefas.

⁵ Temos alguns links de vídeos no anexo A.

Abaixo apresento mais algumas das produções que tivemos na formação realizada no Colégio Estadual Octacílio Manoel Gomes e que poderão ser utilizados como exemplo, informando aqueles e aquelas que não puderam estar presentes. Este material estará disponível em um drive, de forma que poderá ser utilizado para distribuição, caso você deseje.

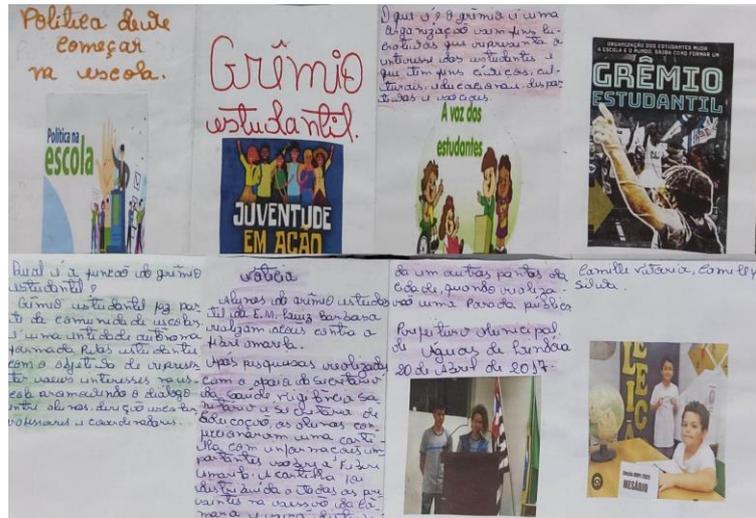
Figura 2 - Fanzine 02



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

No fanzine acima (figura 2) o grupo destacou que a “voz estudantil” é o poder da união. Dialogamos acima sobre o protagonismo estudantil autorizado, individual. Aqui, os estudantes reforçam o poder do coletivo na conquista de direitos, na discussão de temas sociais como o racismo e questões de gênero, por exemplo. Já no fanzine abaixo (figura 3), o grupo informa o que é um grêmio estudantil e traz uma notícia sobre a atuação de um grêmio estudantil no município do estado de São Paulo, desenvolvendo palestras em parceria com a secretaria de saúde. Na capa, o destaque para a frase “política deve começar na escola”.

Figura 3 - Fanzine 03



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Na figura 4 observamos que o grupo deu ênfase na origem e história do movimento estudantil, citando o papel da UNE no Brasil e destacando as demandas que costumam ser bandeiras de luta deste movimento social: a educação pública de qualidade e o projeto de precarização desta por meio da falta de investimento e cortes de verbas.

Figura 4 - Fanzine 04



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Apenas um grupo trouxe orientações sobre como formar um grêmio estudantil, como mostra a figura 5. O passo a passo a formação inclui: a formação da comissão eleitoral; definição dos objetivos e estatuto; divulgação e engajamento dos estudantes; realização das eleições para o grêmio; atuação e representação dos estudantes. O grupo também indica possíveis cargos para a composição da chapa.

Figura 5 - Fanzine 05



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 6 - Fanzine 06



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

O último fanzine recebido (figura 6) apresenta o grêmio estudantil como um meio de ter voz ativa na política escolar, e ressalta a possibilidade de mudar vidas, apoiar a diversidade cultural e identitária, destacando questões sociais, assim como o fanzine 02.

Agora é com você, professora! Adeque o projeto para a sua realidade e, como cantou o poeta, vamos *à luta com essa juventude!*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que um dos principais desafios possibilitados pela atuação no grêmio estudantil é desaprender o gerenciamento da vida que recai sobre a juventude, Gosto quando o professor Rufino (2021) afirma que a tarefa principal da educação é a descolonização, esse movimento de “desaprendizagem” da violência colonial que se perpetua pelo autoritarismo de um capitalismo branco, hétero, cristão e masculino. Para o professor,

a educação como prática de liberdade e como ação responsável atua integralmente na defesa da dignidade existencial dos seres afetados pela humilhação produzida sistematicamente pela dominação colonial. A educação não pode ser conformada com a desigualdade, a violência e a exclusão; não pode ser apaziguadora das tensões e dos conflitos próprios dos oprimidos; assim como não pode ser contrária aos que se rebelam contra a indolência desse sistema. Ela não deve, ainda, pactuar da disputa por um lugar na salvação, já que se faz na liberdade em elaborar e reivindicar um mundo e um modo de vida em que nada nem ninguém precisem ser salvos (Rufino, 2021, p. 35).

Para superar esses movimentos hegemônicos, *sentimos* o cotidiano e realizamos com ele, como nos orienta Ferraço (2007), uma ação que esperamos trazer mudanças significativas, embora a eleição do grêmio ainda não tenha ocorrido. Esperamos que a formação contribua para ampliar os horizontes de uma educação para a liberdade, bem como possibilitar que a comunidade escolar se coloque disposta a reconhecer e ouvir a voz dos estudantes, pois ao pararmos para ouvir atentamente, a juventude não só *quer algo* com a “voz” do Brasil, como ela é a voz ativa, mobilizadora e revolucionária de um Brasil que tem tudo para “*dar certo*”. Fique a vontade para compartilhar conosco os resultados de suas ações!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. Congresso Brasileiro de História da Educação, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: SBHE, 2002. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-narrativa-como-metodo-na-historia-do-cotidiano-escolar-nilda-alves-uerj>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- ALVES, Nilda. Redes educativas "dentrofora" das escolas, exemplificadas pela formação de professores. *In*: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Ângela; LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: currículo, ensino de Educação Física, ensino de Geografia, ensino de História, escola, família e comunidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Org.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 133-151
- ANOTHER brick in the wall: Pt. 2. Intérprete: Pink Floyd. Compositor: Roger Waters. *In*: **The Wall**. Intérprete: Pink Floyd. Reino Unido: Harvest Records, 1979. faixa 5 (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBj2zY>. Acesso em: 28 out. 2023.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Repensar o ensino médio: por quê? *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (orgs) **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- BORGES, Luzineide Miranda. **#Soudoaxé: redes educativas e o ciberativismo da Juventude de Terreiro da nação Ijexá**. Tese (Doutorado em Educação). ProPED, UERJ, 2019. Disponível em: https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10310/1/Tese_Luzineide%20Miranda%20Borges.pdf. Acesso em: 08 jun. 2022.
- BOUTIN, Aldimara Catarina Brito Delabona; FLACH, Simone. O movimento estudantil e as possibilidades de “subversão da práxis”. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 61, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/25172>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- CARRANO, Paulo. Políticas Públicas de Juventude - desafios da prática. *In*: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de (orgs). **Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, Ação Educativa e Fundação Friedrich Ebert, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DA SILVA, Livia Sousa; MENDONÇA, Kátia Marly Leite. Entre textos sociais: o aluno como personificação da violência escolar. **Anais V Congresso Nacional de Educação**, Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://186.227.201.58/artigo/visualizar/47276>. Acesso em: 24 mai. 2024.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola? *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia da juventude**. Onda Jovem, São Paulo, n.1, p. 34-47, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 mar. 2022.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

FIGUEIREDO, Cristina. et al. Um documento para chamar de nosso: refletindo o protagonismo estudantil a partir da experiência de uma universidade comunitária. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 27, n. 3, p. 695–713, set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/db9n CZCk CZgc8yPmLn87Rmf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. – São Paulo: Editora Livraria Martins, 2003.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. Pode a política pública mentir? A base nacional comum curricular e a disputa da qualidade educacional. **Educação & Sociedade**, v. 40, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/c3PrMtP6V5XVgnWv79btvjs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2022.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos feministas**. nº2/95. v.3. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 07 fev. 2024.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução: Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. 288 p.

KERN, Eduarda Bonora. Ser jovem é diferente de ser aluno: uma leitura sobre escola e juventude a partir da Sociologia da Experiências. *In*: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Sociologia e Educação: debates necessários**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2019. v. 1, cap. 7, p. 171-. ISBN 978-65-80282-02-9.

LOPES, Adriana Carvalho. et. al. Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. **Revista da ABPN**, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, jan. de 2018, p.678-703 Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/560/438>. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, Cássio Rodrigo de. **A indiferença de estudantes do ensino médio pelo conhecimento escolarizado**: reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural. 2017. 90p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/942>. Acesso em: 24 set. 2022.

OLIVEIRA, Maristhela Bergamim de; ROSA, Edinete Maria. Juventude, violência e alteridade. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 113-121, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100010. Acesso em: 24 mai. 2024.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: Educação e descolonização. Rio de Janeiro, Mórula, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 16ª Ed; Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Monica Ribeiro da M. R.; SCHEIBE, Leda. Reforma do ensino médio: pragmatismo e lógica mercantil. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 19-31, jan./jun.2017. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/769/721>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, 2018. Disponível em: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/sites/ppgmuseu.ufba.br/files/elizeuclementino.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

VALORE, Luciana Albanese; GUIRRADO, Marlene. "Ser alguém na vida": uma análise institucional do discurso de estudantes do litoral paranaense. **Aletheia**, núm. 35-36, mai-dez, 2011, pp. 79-94. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115025560007.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

WEBER; Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Ideologia X Cultura: Como harmonizar esses conceitos tão antagônicos? *In*: MELO SOUZA, Eliana Maria de; CHAQUIME, Luciane Penteadó e LIMA, Paulo Gilberto de. **Teoria e prática nas Ciências Sociais**. Araraquara: UNESP/FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

ANEXO A - LISTA DE LINKS E MATERIAIS PARA CONSULTA

1. *Drive* com imagens dos fanzines que aparecem neste texto:

<https://drive.google.com/drive/folders/1xG7HvgldqVlvdWC7svN1eYvWGyBbdRd7?usp=sharing>

2. Material da UBES sobre grêmio estudantil: <https://www.ubes.org.br/gremios/>

3. Site oficial da UBES: <https://www.ubes.org.br/>

4. Site oficial da UNE: <https://www.une.org.br/>

5. Site oficial da ANPG: <https://www.anpg.org.br/>

6. Tutorial de produção de Fanzines:

<https://youtu.be/6JKoHJoeYxE?si=IokbDLnLm36-pApZ>

7. Tutorial de produção de Fanzines:

<https://youtu.be/MmGzq2vzO2M?si=82r2hHKAezbfaBu>

ANEXO B - MODELO DE PROJETO PARA FORMAÇÃO

Projeto: "FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA: promovendo o protagonismo estudantil através da participação no grêmio"

Introdução e justificativa:

O projeto "formação para a cidadania" tem como objetivo promover o protagonismo estudantil e estimular a participação ativa dos estudantes no grêmio estudantil. Acreditamos que a participação política e o engajamento no ambiente escolar são fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais democrática e participativa, bem como auxilia os estudantes a se perceberem como sujeitos autônomos na construção de uma educação emancipadora.

O grêmio estudantil é uma organização formada por alunos de uma instituição de ensino secundário, eleita democraticamente pelos próprios estudantes, com o propósito de representar seus interesses perante as autoridades escolares, governamentais e a comunidade em geral. Esta entidade desempenha diversas funções essenciais, tais como:

- **Representação dos Estudantes:** O grêmio atua como um canal de comunicação entre os alunos e a administração escolar, expressando suas preocupações, demandas e sugestões.
- **Promoção da Participação Democrática:** Ao realizar eleições democráticas para escolha de seus membros e ao envolver os estudantes em processos decisórios, o grêmio estimula a participação cívica e o desenvolvimento de habilidades de liderança e organização.
- **Defesa dos Direitos Estudantis:** O grêmio trabalha na proteção dos direitos dos estudantes, incluindo questões relacionadas à qualidade da educação, infraestrutura escolar, condições de ensino e aprendizagem, bem como questões sociais e culturais.
- **Organização de Atividades Extracurriculares:** Por meio da promoção de eventos, projetos e atividades extracurriculares, o grêmio contribui para o enriquecimento da experiência educacional dos alunos, incentivando a participação em atividades artísticas, esportivas, culturais e de voluntariado.

Os objetivos desse projeto é estimular a participação dos estudantes no grêmio estudantil, incentivando-os a exercitar o protagonismo estudantil e aprimorar suas habilidades de liderança e tomada de decisão; Promover debates e discussões sobre temas políticos, sociais

e educacionais, a fim de ampliar o conhecimento dos estudantes sobre essas questões e estimular sua consciência crítica.

Também intencionamos proporcionar aos estudantes a oportunidade de desenvolver projetos e ações que contribuam para a melhoria da escola e da comunidade escolar e promover a criação de espaços de diálogo e participação, onde os estudantes possam expressar suas opiniões e contribuir para a construção de um ambiente inclusivo e democrático.

Compreendemos que a presença de um grêmio estudantil ativo e eficiente é de fundamental importância para os estudantes do ensino médio por questões como:

1. Estimular o empoderamento Estudantil: O grêmio proporciona aos alunos a oportunidade de se envolverem ativamente no processo educacional, tornando-os agentes de mudança em sua própria comunidade escolar.
2. Desenvolvimento de Habilidades: Ao participar das atividades do grêmio, os estudantes desenvolvem habilidades importantes, tais como liderança, negociação, comunicação, organização de eventos e resolução de conflitos.
3. Representatividade e Voz: O grêmio dá voz aos alunos, permitindo que expressem suas opiniões e preocupações, influenciando diretamente as políticas e práticas escolares.
4. Promoção da Cidadania Ativa: Ao se envolverem nas atividades do grêmio, os estudantes aprendem sobre questões sociais, políticas e cívicas, tornando-se cidadãos mais conscientes e ativos em suas comunidades.

Programação:

A formação será dividida em dois momentos. No primeiro serão abordados os conceitos de política, participação social e cidadã, facilitando a compreensão sobre política estudantil, movimento estudantil e grêmio. No segundo momento realizaremos a oficina de fanzine, no qual os estudantes serão separados em grupos, para construir, a partir da formação, as estratégias de construção do grêmio estudantil.

Esperamos que a formação contribua com a criação de espaços de diálogo e participação, incentivando a formação do grêmio estudantil do Colégio Estadual (INSERIR NOME DA ESCOLA).

REFERÊNCIAS

- i. MARTINS, Valéria Soares; BORGES, Luzineide M.. **“NÃO QUER NADA COM A VOZ DO BRASIL?”**: uma proposta de formação sobre política e grêmio estudantil no ensino médio. Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação - PPGE, 2024.